

CORRIDA À CASA BRANCA / Democrata divulga telefonema do ex-presidente e da ex-primeira-dama em que se dizem orgulhosos e que trabalharão firmes para sua vitória: "Vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ganhar"

Obama e Michelle oficializam apoio a Kamala

Depois de quase uma semana do anúncio da vice-presidente Kamala Harris como adversária do republicano Donald Trump, o ex-presidente Barack Obama e a mulher, Michelle, divulgaram publicamente seu apoio à candidatura da democrata. A expectativa é que agora a campanha ganhe mais impulso. A vice-presidente compartilhou o vídeo, na rede social X, antigo Twitter, do momento do telefonema que recebeu de Obama e Michelle. Ele, por sua vez, também usou a mesma rede social para confirmar a conversa.

"Esta semana, Michelle e eu ligamos para nossa amiga Kamala Harris. Dissemos a ela que achamos que será uma fantástica presidente dos Estados Unidos, e que tem todo nosso apoio", escreveu Obama, em uma mensagem no X. A conversa entre eles, segundo a imprensa dos Estados Unidos, foi há três dias, mas só ontem foi divulgada.

Obama, que ocupou a Casa Branca de 2009 a 2017, e era o nome mais aguardado para formalizar o apoio a Kamala. Segundo correligionários, ele aguardou para observar os movimentos do Partido

Democrata e também para evitar mal-estar com o presidente Joe Biden. Porém, diante da corrida contra o tempo, resolveu se manifestar.

"A Michelle e eu não podíamos estar mais orgulhosos de te apoiar e de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ganhar essa eleição", afirmou Obama, acrescentando "neste momento crítico para o nosso país". Na rede social X, Kamala reagiu: "Significa muito ter seu endosso, vamos trabalhar".

Kamala sinalizou ontem que está pronta para enfrentar debates com o adversário Donald Trump. Em poucos dias, ela conseguiu obter empate técnico nas intenções de voto, segundo pesquisas de opinião, divulgadas pela imprensa norte-americana, e arrecadar doações de simpatizantes. Ela entrou na corrida pela Presidência no último domingo, quando Biden renunciou à candidatura para a reeleição.

Desde então, Kamala lançou uma guerra contra Trump e os republicanos "extremistas". Anteontem, ela se reuniu com a Federação Americana de Professores para alertar que o país estava sendo testemunha de um "ataque total" às "liberdades duramente conquistadas".

MANDEL NGAN/ AFP



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e veja o momento em que Kamala Harris recebeu o telefonema de Barack e de Michelle Obama.

O ex-presidente e a vice-presidente se cumprimentam durante cerimônia, em 2022. Agora estarão juntos rumo à Casa Branca durante a campanha

Trump avisa Netanyahu que é a solução para a Gaza

@realDonaldTrump



No encontro, promessas de buscar a paz com apoio dos EUA

No dia seguinte ao encontro do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, com sua adversária, Kamala Harris, o ex-presidente e candidato do Partido Republicano, Donald Trump, se reuniu com ele, em Mar-a-Lago, na Flórida. Trump disse que a guerra em Gaza pode se transformar em conflito regional, deflagrando a Terceira Guerra Mundial, caso ele não vença as eleições presidenciais em novembro.

"Vamos ver como vai ser. Mas se tudo der certo, se vencermos, será muito simples. E, muito rápido", afirmou Trump. "Se não dermos, vocês vão acabar com

grandes guerras no Oriente Médio. E talvez uma terceira guerra mundial. Caminhamos para mais perto de uma Terceira Guerra Mundial agora do que em qualquer outro momento desde a Segunda Guerra Mundial."

Trump fez os comentários em meio a um suposto desentendimento diplomático entre Kamala e Netanyahu, na quinta-feira. Após o encontro, a democrata afirmou que "sempre garantirá que Israel seja capaz de se defender, inclusive do Irã e de milícias apoiadas pelo Irã, como o Hamas e o Hezbollah". Porém, criticou o tratamento dos israelenses aos palestinos.

"Também expressei ao primeiro-ministro minha séria preocupação sobre a escala do sofrimento humano em Gaza, incluindo a morte de muitos civis inocentes. E deixei clara minha séria preocupação sobre a terrível situação humanitária lá", afirmou ela, apelando pelo fim da guerra.

As críticas de Kamala à conduta de Israel na guerra de Gaza teriam irritado Netanyahu. Trump aproveitou para dizer que a adversária foi "desrespeitosa" com Israel. Por sua vez, Netanyahu reiterou que busca o cessar-fogo na região. "Estamos tentando conseguir", disse. "Na

medida em que o Hamas entende que não há luz do dia entre Israel e os Estados Unidos, isso acelera o acordo. E espero que esses comentários não mudem isso", disse Netanyahu.

O relacionamento entre Trump e Netanyahu estremeceu quando o israelense parabenizou o presidente eleito Biden por sua vitória. Agora, Netanyahu se esforça para fazer as pazes e garantir o apoio a Israel na guerra em Gaza, caso o candidato republicano vença disputa à Casa Branca. Também sinalizou para os democratas. Manifestantes anti-Israel protestam contra a visita do israelense à Flórida.

» Entrevista | **LUKE ORTEGA** | PORTA-VOZ DA EMBAIXADA DOS EUA

"Temos muita fé no nosso sistema eleitoral"

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

Não é exagero dizer que as últimas semanas têm sido históricas nos Estados Unidos, o atentado contra o ex-presidente e candidato Donald Trump, a desistência à reeleição do presidente Joe Biden e ascensão da vice Kamala Harris como a primeira mulher negra a possivelmente ocupar a Casa Branca. Em meio ao vertiginoso cenário eleitoral, o porta-voz da embaixada dos EUA, Luke Ortega, se disse confiante no sistema eleitoral e na democracia norte-americanos em entrevista ao podcast do Correio.

Ortega reiterou o interesse e a importância das relações entre EUA e Brasil, apesar das divergências econômicas no G20, como a cobrança de impostos aos super-ricos. Na avaliação dele, os dois países mantêm uma parceria "sólida e antiga" e, que completa 200 anos. Ele destaca iniciativas positivas, como o investimento para que jovens da Amazônia para que sejam ouvidos em fóruns internacionais. A seguir, os principais pontos da entrevista concedida aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Roberto Fonseca.

Como a Embaixada está trabalhando para as eleições norte-americanas?

Nossa prioridade é trabalhar para os nossos cidadãos que moram aqui no Brasil, para que eles tenham acesso às informações necessárias para votar nessas eleições. Estamos aqui, também, para explicar como funciona o nosso sistema. Posso dizer que temos muita fé e muita confiança no nosso sistema eleitoral,

que para muitos pode ser bastante curioso. Na verdade, quando falamos de eleições nos EUA, estamos falando de 50 eleições diferentes, porque os estados têm sua autonomia, onde cada eleitorado é diferente. O estado do Arizona, de onde sou, por exemplo, é um pouco diferente dos outros. Temos 1/3 do eleitorado democrata, 1/3 republicanos e a outra parte do eleitorado independente, ou seja, os candidatos precisam ganhar o voto desse grupo.

O que o presidente Joe Biden quis dizer com "defender a democracia é mais importante que qualquer cargo", assim que desistiu da candidatura?

O presidente Biden deixou bem claro, principalmente em seus discursos depois do atentado contra Trump, que a hora de violência política não pode chegar nos Estados Unidos. Temos que rejeitar esse tipo de extremismo para defender a democracia e também defender o fato de que o oponente pode ganhar sem o mundo acabar. Eu acredito que o presidente Biden esteja falando de defender o direito de todos de participar de um sistema democrático, que é a fundação da sociedade norte-americana. Ele deixou uma reflexão muito importante sobre pacificidade durante as eleições.

É uma reflexão para o Brasil também?

Sim. Mas, claro, não estamos aqui para dar aula para o Brasil.

O Brasil está na presidência do G20. Quais são os pontos mais importantes para os Estados Unidos nesse fórum?

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Para assistir à íntegra da entrevista, aponte a câmera do celular para o QR Code acima.

O presidente Biden deixou bem claro, principalmente em seus discursos depois do atentado contra Trump, que a hora de violência política não pode chegar nos Estados Unidos. Temos que rejeitar esse tipo de extremismo para defender a democracia"

Os temas trabalhados pelo Brasil no G20 estão de acordo com o que os EUA acreditam. O combate à fome, a transição energética e a reforma das instituições internacionais são prioridades para nós. Nossas iniciativas, especialmente na área de transição energética, são para chegar em soluções boas para o planeta. É importante também incorporar os interesses dos trabalhadores nesse contexto climático. Uma questão muito importante que estamos tratando com o Brasil é o estresse de calor.

As mudanças climáticas fazem com que as pessoas percam suas vidas pelo calor extremo. As discussões climáticas estão na linha de frente para os EUA.

Como a taxação dos super-ricos, defendida pelo Brasil no G20, é vista pelo governo norte-americano?

Nós apoiamos, com certeza, impostos mais progressistas, mas não em nível internacional, como o Brasil está propondo no G20. Acredito que não seja algo que corresponda aos valores

norte-americanos.

Como os Estados Unidos veem a questão da Amazônia?

Nós reconhecemos que os dois primeiros anos do governo do presidente Lula conseguiram reduzir a taxa de desmatamento da Amazônia Legal quase pela metade. Isso foi excepcional. Estamos comprometidos em continuar a parceria com o Brasil para a preservação da Amazônia. Conseguimos entregar US\$ 50 milhões para o Fundo Amazônico, são investimentos que vêm

de anos. O mais importante, para mim, é levantar as vozes das comunidades amazônicas em fóruns internacionais. Nós lançamos, inclusive, alguns cursos de inglês para os jovens daquela região e já vimos o resultado nos alunos.

As relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos completaram 200 anos. Qual é o legado?

É muito importante comemorar esses 200 anos de parceria muito sólida e antiga. Acredito que os dois povos, os norte-americanos e os brasileiros, têm muitos valores democráticos em comum. Existe ainda uma relação comercial entre os dois países muito forte. Os EUA são, de longe, o país que mais investe e mais exporta no Brasil. O povo americano consome e quer comprar os produtos de alta qualidade feitos por mãos brasileiras.

*Estagiária sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza